



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

GEAN HENRIQUE MACIEL DE AMORIM

**VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE LETRAS: INGLÊS COMO LÍNGUA
FRANCA E PEREZHIVANIE**

Mariana - MG
Agosto /2025

GEAN HENRIQUE MACIEL DE AMORIM

**VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO CURSO DE LETRAS: INGLÊS COMO
LÍNGUA FRANCA E PEREZHIVANIE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Letras da Universidade Federal de
Ouro Preto como requisito parcial para
obtenção de título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Silvério de Lima.

Mariana - MG
Agosto/2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A524v Amorim, Gean Henrique Maciel de.
Vivências formativas no curso de letras [manuscrito]: inglês como
língua franca e perezhivanie. / Gean Henrique Maciel de Amorim. - 2025.
46 f.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Silvério de Lima.
Produção Científica (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Letras
Inglês .

1. Aprendizagem. 2. Identidade. 3. Língua franca. 4. Língua inglesa.
I. Lima, Fernando Silvério de. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Título.

CDU 81-2

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gean Henrique Maciel de Amorim

Vivências formativas no curso de Letras: Inglês como Língua Franca e Perezhivanie

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras - Inglês

Aprovada em 15 de agosto de 2025

Membros da banca

Prof. Dr. Fernando Silvério de Lima - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Vanderlice dos Santos Andrade Sól - Universidade Federal de Ouro Preto

O Prof. Dr. Fernando Silvério de Lima, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/08/2025



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Silverio de Lima, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/08/2025, às 14:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0966117** e o código CRC **12A39DA6**.

AGRADECIMENTOS

Deixo neste trabalho minha dedicatória e meus agradecimentos, primeiramente à Mãe Terra, pela vida e pela oportunidade de estar aqui hoje. À minha avó, Judite, que me amparou e ensinou muito, e a toda minha ancestralidade. À minha mãe, Madalena, que me inspira demais, à minha tia, Luci, que tanto cooperou para meu progresso e desenvolvimento. Ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Silvério de Lima, por toda dedicação e paciência comigo e com o projeto. À banca que avaliou e contribuiu ao meu trabalho. Aos meus amigos e familiares que me apoiaram, em especial meu amigo João Vitor, que sempre foi um amigo bom e leal.

Ao "Pequeno Príncipe" que viaja para poder se encontrar, e que busca entender em sua raiz, assim como nas experiências adquiridas por lugares onde passou, e pessoas que conheceu, assim entender o real sentido de sua identidade. Dedico esse trabalho a todos aqueles que se sentem avessos, e desmotivados com a vida, e o modo que as coisas são. A todos os sonhadores, que conservam em seu íntimo a curiosidade, e a obstinação para perseguir seus objetivos. A aqueles que lutam para sobreviver, e que nesta altura do campeonato já não fazem tanta questão de se encaixar. Aos deslocados, amuados, desamparados, aos que se sentem tão só. Aos moradores de rua, as garotas de programa, aos andarilhos, aos viciados, aos atípicos, aos velhos e crianças muitas vezes negligenciados, aos enfermos, e aos marginalizados como um todo. Michael Collins se sentiu só no espaço, mas enquanto estiver alguém pensando em você, você nunca estará sozinho de fato.

RESUMO

O ILF (Inglês como Língua Franca), é um conceito que busca averiguar as relações decorrentes do uso da língua inglesa enquanto instrumento de comunicação a nível mundial. Essa ideia de ILF começou a ganhar notoriedade nos anos 90 (Jenkins, 2007; Kohn, 2019; Lima, 2021). Já as vivências, baseadas na ideia de Vygotsky (2018) de *perezhivanie*, busca averiguar questões incutidas na visão de mundo sujeito e sua relação com o meio (Lima, 2017; Lima; Mapa. 2022, 2023; Lima; Mendes, 2024). As vivências individuais estão ligadas ao processo de desenvolvimento, o que influencia diretamente na maneira como se constrói conhecimento. Passa assim a ser possível analisar questões envolvidas no processo de ensino e aprendizagem, como as emoções, memória, deslocamentos, desafios. Com isso, em relação às vivências no curso de Letras Inglês, este trabalho busca compreender como os saberes científicos e os saberes coloquiais se relacionam no dia a dia. Neste trabalho, foram analisadas as relações de vivências de Vicente, professor de inglês em formação, e suas possibilidades de poder praticar idiomas com outros brasileiros, assim como estrangeiros, já que tem a chance de viver em uma cidade histórica, turística e universitária. Nesse estudo, é possível observar vários aspectos da *perezhivanie*, como a visão de si enquanto aprendiz de ILF e a construção da identidade latina.

PALAVRAS-CHAVE: Perezhivanie. Língua Franca. Ensino e Aprendizagem de Línguas, Emoções. Vivências.

ABSTRACT

The ELF (English as a Lingua Franca), is a concept that searches to verify the relations arising from the using of the English language as an instrument to communicate on a mundial level. This idea of ELF began to gain prominence in the 1990s (Jenkins, 2007; Kohn, 2019; Lima, 2021). Meanwhile, the concept of *perezhivanie* by Vygotsky's theory (2018), searches to check questions about the subject's worldview and its relation to the environment. Individual experiences are connected with the process of development, which directly influences the knowledge relations. Thus, it becomes possible to analyze questions involved in the process of teaching and learning, such as emotions, memories, displacement, and challenges. So, it is possible to see the individual context of graduation in Letras English. This work searches to comprehend how the scientific knowledge and the common knowledge has some relation between each other, day by day. In this work, it was analysed the relations of the individual Vicente's experiences, English teacher still on graduation, and your possibilities to practice English with Brazilian native and foreigners, by living in a historic, touristic and academic city. In this study, it is possible to observe a lot of aspects related to *perezhivanie* such as the image of oneself learning ELF and the construction of the latin identity.

KEYWORDS: *Perezhivanie*. Lingua Franca. Learning and teaching languages. Emotions, lived experiences.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Inglês como Língua Franca (ILF) e o contexto local	12
2.2 Perezhivanie e o curso de Letras	15
3. METODOLOGIA	18
4. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO	20
4.1 Sentidos sobre si enquanto um aprendiz de inglês em construção	20
4.2 O papel do curso de Letras – saberes cotidianos e científicos	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6. REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Mobilizar os conhecimentos adquiridos em sala de aula é primordial para a efetivação do saber em diversos contextos, tanto para quem é professor quanto para quem é estudante de um idioma. E no caso de um estudante de Letras que se encaixa nos dois perfis, saber utilizar os conhecimentos aprendidos a seu favor não se reduz tão somente a disseminação teórica do conteúdo dentre quatro paredes numa sala de aula, mas saber ainda como agregar essa experiência no cotidiano pessoal, ou seja, de carregar consigo tudo que aprendeu e continua a aprender (Lima; Mendes, 2024). Neste trabalho, consideramos essa experiência complexa de ser um estudante de Letras Licenciatura, ou seja, um sujeito que vai ensinar uma língua que ainda está aprendendo enquanto constrói ainda conhecimentos pedagógicos sobre seu objeto de ensino: a língua inglesa.

Assim, buscamos compreender como o aprendizado de conceitos teóricos introduzidos ao longo do curso de Letras - Inglês pode ser construído e relacionado com oportunidades da vida cotidiana que lhe propiciam utilizar ativamente esses saberes enquanto recurso de aprendizagem de um segundo idioma, no caso o inglês. E isso pode ser pensado a partir de dois exemplos.

Primeiro, quando duas pessoas tentam manter algum tipo de interação e uma não conhece a língua da outra, a interação pode ser um tanto complicada, apesar de que, com o uso de uma língua franca, ou seja, uma língua de contato, tal interação pode se apresentar de forma progressiva. Nesse cenário, é comum cometer erros e sentir até insegurança de se comunicar, mas por se tratar um momento de descontração cotidiana em que duas pessoas estão tentando se conhecer (e se entender), a pronúncia correta ou a gramática apropriada, por exemplo, não assumem o foco da interação, mas sim utilizar a língua para seus objetivos pessoais, que são muito diversos.

Ao mesmo tempo, a comparação com nativos do inglês ainda é um fenômeno recorrente e pode gerar problemas de auto estima que dificultam a aprendizagem, uma vez que ela impõe aos sujeitos não nativos um parâmetro muito idealizado sobre como falar. E quando influenciados por essas exigências, algumas circunstâncias como a autocorreção ou a correção do outro se tornam corriqueiras e podem prejudicar o desenvolvimento linguístico comunicativo, justamente por ignorar a diversidade de sotaques e as variações linguísticas, tirando o foco do fato de que o mais importante é a conversação e não a forma como o sujeito domina determinada gramática ou se sua pronúncia é idêntica a de um determinado nativo.

Ao levar em consideração os nativos como o principal exemplo linguístico mais adequado com a ideia de “falar corretamente”, um aprendiz pode atrapalhar sua desenvoltura e se frustrar se não atingir o parâmetro estabelecido (Lima, 2021). Nas últimas décadas, questões dessa natureza têm incentivado a reflexão sobre o status do chamado Inglês como Língua Franca (ILF) no mundo, ou seja, algo utilizado por diferentes falantes de diferentes contextos culturais. A ideia de *língua franca* diz respeito ao fato de que a língua de contato não precisa necessariamente estar vinculada à cultura do qual se origina. Atualmente, o inglês é usado como instrumento de comunicação para diferentes finalidades e em muitos lugares do mundo sem que seja para tratar de assuntos que envolvem a língua em sua origem, a cultura dos países anglófonos ou os seus falantes ali nascidos.

De acordo com Seidlhofer (2011), o sentimento de dever falar a língua inglesa em consonância com os aspectos linguísticos naturalizados pelos nativos se deve devido ao fato de que o imperialismo impôs aos demais usuários da língua a ideia de assimilação com os seus próprios costumes inerentes às culturas e tradições de língua inglesa como se o idioma não pudesse ser dissociado de sua cultura de origem. Nessa linha, reconhecer o status de língua franca do inglês é, de certa forma, uma subversão dessa visão centrada no nativo, pois expande a visão do aprendiz de que o inglês pode ser usado para diversos fins e que existem diferentes formas de se comunicar.

Segundo, cito um relato pessoal cotidiano. Vivi uma experiência interessante em que estava sentado na porta da república universitária com outra moradora e estávamos conversando em inglês, pois tínhamos como hábito praticar para nos aperfeiçoar na língua. E para contexto, nós dois somos pessoas que não são nativas na língua inglesa e que haviam aprendido por conta própria. Naquele dia, eu estava passando por um momento difícil, pois havia acabado de passar mal e por isso vomitei. Gostaria de ter expressado aquilo que havia vivenciado e como estava me sentindo para ela, só que em inglês. E eu não sabia como, justamente porque não conseguia de fato me lembrar como eu poderia dizer que “havia vomitado” em inglês. Então, essa colega de conversação em língua inglesa me recordou que o verbo em inglês era *to vomit* ou *to throw up*.

Um verbo que pode soar um pouco nojento, se for parar para pensar em seu significado, mas que me remete a uma analogia que foi feita para que conseguisse lembrar como poderia comunicar aquilo na segunda língua que estava me desenvolvendo. Disse a ela naquela noite que eu jamais iria me esquecer daquele momento justamente por ter feito uma associação do verbo em inglês com quem me havia recordado dele em um momento oportuno, pois havia

vivido aquilo e precisava me expressar sobre o acontecimento. Essa interação cotidiana, mas permeada de afeto, teve uma grande importância para mim.

Fazer analogias e mnemônicas é uma ótima forma de recordar um conhecimento de modo efetivo para que não seja esquecido depressa pouco depois de se estudar sobre um assunto. Roediger e Butler (2011) defendem que a recuperação é um processo poderoso e mnemônico de retenção do conhecimento. Mais do que isso, muitas das vezes o aprendizado fica arraigado a memória e aquela analogia feita em um momento muito específico serve de ponte para se atravessar conteúdos novos e mais complexos tendo por base o que já se sabe. Na matemática mesmo, para aprender fração é necessário já saber dominar as operações básicas. Do mesmo modo, é importante conseguir se recordar bem do aprendizado de um idioma e fixá-lo de modo eficaz para que seja possível utilizar esse conhecimento posteriormente na prática.

Por isso mesmo que muitas analogias podem ser utilizadas para guardar uma ideia, fixar um conceito, se recordar da tradução de uma palavra ou fazer associações entre conhecimentos pré-estabelecidos com os novos, como já dito anteriormente. Na comunicação oral, é necessário que o falante ao mesmo tempo em que conversa com outras pessoas quase que de forma automática exerça a coesão entre ideias e gramática, assim como demais recursos imprescindíveis nesses momentos (o léxico, a estruturação das frases, a fonética e fonologia para poder se atentar as pronúncias, a morfologia, semântica e a sintaxe). Essas questões mais teóricas, no entanto, quase nunca são lembradas no momento em que as pessoas estão ali tentando se comunicar em outra língua. Elas parecem reflexões formais de sala de aula.

Por falar nisso, o aprendizado adquirido dentro de sala de aula ao se comparar com contextos da realidade ganha outro sentido também análogo quando este supera a intervenção da mediação do professor com os alunos e da objetividade necessária de receber uma boa nota e ser aprovado. Dito de outra forma, o aprendizado não se limita ao contexto da sala de aula, mas ao contexto mais amplo de usar o que se aprende na comunicação com as outras pessoas em diferentes situações.

Tendo em vista esses dois exemplos que evidenciam como o que aprendemos na sala de aula pode se relacionar com outras situações da vida cotidiana em que nos vemos usando a nova língua aprendida, o foco neste trabalho é pensar o idioma para além de seu ensino e aprendizado e tendo por enfoque a comunicação no cotidiano. Nossas reflexões são norteadas pela seguinte pergunta: *como um estudante de Letras relaciona o que aprende sobre ensinar e aprender línguas com suas experiências do dia a dia de falar inglês com outras pessoas?*

Partindo dessa indagação, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar as vivências de um professor de inglês em formação ao viver no contexto de cidade turística e interagir em inglês como falantes estrangeiros no dia a dia. Assim, buscamos compreender como os conhecimentos cotidianos de interação pela língua franca interagem com os saberes científicos da universidade e se articulam nas suas reflexões narrativas. Essas perspectivas se desdobram em dois objetivos específicos que incluem: 1) Analisar como as experiências de interação com falantes de inglês em uma cidade turística podem impactar na construção de saberes do profissional de Letras, e 2) Compreender as possibilidades de articulação entre conhecimentos cotidianos e os científicos construídos em sala de aula ao longo do curso de Letras.

Diante do aumento exponencial da língua inglesa enquanto ferramenta que propicia a comunicação e contato entre diferentes culturas e povos, para transações comerciais e como intermediário em diversas situações, como aponta Moreia e Ribeiro (2022), o inglês tem sido reconhecido recentemente até mesmo em documentos nacionais (como a BNCC) por seu status de ILF (inglês como língua franca). O ILF diz respeito ao entendimento de que a língua inglesa atualmente é usada para diferentes fins não necessariamente vinculados a uma cultura específica ou a um falante nativo como referência. Nesse sentido, analisar as experiências com o idioma no dia a dia de um estudante de Letras-Inglês se justifica pelo potencial de nos ajudar a compreender mais particularidades de seu processo de formação profissional. Partindo da teoria de Vigotski (2018) acerca de vivência (*perezhivanie*), um conhecimento só se consolida de fato pela nas situações vivenciadas do estudante em questão, quando teve a oportunidade de fazer contato com o idioma e agiu nessa relação a partir do que aprendeu cotidianamente e no curso de Letras.

Este trabalho está organizado em cinco seções a partir desta introdução. O item 2 corresponde ao referencial teórico, composto por uma discussão sobre o conceito de Inglês como Língua Franca (ILF) na Linguística Aplicada (2.1) e sobre o conceito de *perezhivanie* na psicologia vigotskiana (2.2). Em seguida, apresentamos na seção 3 a metodologia. O item 4 é a análise de dados que está organizada em duas subseções, discutindo os sentidos sobre si no curso de Letras (4.1) e o papel do curso na formação do profissional (4.2). Por fim, a seção 5 traz as considerações finais e, em seguida, as referências bibliográficas.

Dessa forma, este projeto propõe refletir sobre a relação entre saberes construídos na experiência cotidiana do sujeito e os saberes construídos em um curso de Letras, com destaque para a formação de professores de línguas. A relação entre esses fenômenos pode nos ajudar a

compreender tanto o papel do curso de Letras na formação docente, quanto o papel do pensamento crítico do futuro professor sobre sua própria formação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial teórico tem como objetivo estudar a língua inglesa enquanto teorias do ILF (inglês como língua franca), compreendendo por meio do conceito de vivência (*perezhivanie*) partindo de Vigotski (2018), a relação entre as experiências pessoais de um professor de língua inglesa em formação, buscando associar a estes conceitos a noção de como o conhecimento adquirido nos estudos e na universidade passam a ser evidenciados no cotidiano, durante experiências de contato com pessoas que também estão no processo de aprendizado do idioma, ou que já possuem domínio da língua.

2.1 Inglês como Língua Franca (ILF) e o contexto local

Tendo em vista que viver em uma cidade do interior que ao mesmo tempo é um importante destino turístico com grande fluxo de pessoas de todos os lugares, não só do país, mas do mundo, sabe-se que na maioria das vezes as pessoas que estão em viagem para um país de língua estrangeira não necessariamente têm conhecimento da língua local e vão se comunicar usando inglês. Nessas horas, mesmo em cidades pequenas é possível encontrar pessoas bilíngues por perto nesses ambientes turísticos, que conseguem se comunicar e entender os estrangeiros que visitam sua cidade. Apesar de teóricos como O'Regan (2014) terem tecido profundas críticas à ideia de ILF, na prática o idioma acaba assumindo a função de construir uma ponte entre dois lados (Lima, 2021), ou seja, conectar pessoas de culturas diferentes que não falam a mesma língua materna.

Na Linguística Aplicada, de acordo com Ribeiro (2021 p.23) a ideia de pensar o Inglês como Língua Franca (ILF) com consciência durante o aprendizado significa refletir criticamente acerca das maneiras pelas quais o ILF pode ser integrado em sala de aula. É importante que os professores tenham ciência das percepções do aluno acerca da língua, e de que forma ela se conecta e dialoga com a realidade destes.

Kohn (2019) explica que o ILF se define por ser uma perspectiva de ensino e aprendizagem para uma comunicação efetiva de fato, como aponta Lima (2023). Com a

estruturação de conceitos e metodologias que dão conta de homogeneizar em certa medida o ensino e aprendizado, explorando teorias e práticas pedagógicas sensíveis às realidades locais, universidades que se interam das inovações na área levam ao estudante de língua inglesa e ao professor em formação uma abordagem mais contemporânea e adequada para consolidar seu entendimento de qual língua inglesa ele está aprendendo. Esse intuito de considerar o status de língua franca¹ é importante, pois assim o professor em formação poderá ter um entendimento maior sobre como o ILF influencia no ensino e na aprendizagem, no uso do idioma de modo geral. Entender as implicações que o conceito de ILF traz para o ensino e para a formação, como o fato de que a língua não possui um “dono exclusivo” e que a língua passa a ser igualmente daqueles que a aprendem, e esse reconhecimento pode corroborar para o fortalecimento dos laços afetivos com a língua e de outros objetivos para aprender, centrados nos interesses diversos da comunidade internacional.

De acordo com Lima e Dellagnelo (2023), muitos profissionais do ensino de língua inglesa ainda têm noção muito incipiente acerca da ideia de ILF. Ou seja, essa constatação pode soar alarmante, tendo em vista que os estudos das teorias de língua franca têm norteado todo o ensino e aprendizado de língua inglesa. E se tratando de um assunto recente e novo, que apesar do crescimento de pesquisadores e teóricos aprofundados no tema, ainda há indícios de carência de estudos sobre o assunto para compreender se, de fato, o conceito é entendido e está presente na prática pedagógica brasileira, como é o caso da BNCC.

Ao analisar a situação atual em que a língua franca é responsável por direcionar as interações, mediando a comunicação, podemos observar que o ILF proporciona as trocas de saberes entre diferentes pessoas de grupos e nações diversas. Com essa realidade posta a mesa, o contato com o idioma estrangeiro virá a ser recorrente no dia a dia, sobretudo de um professor de língua inglesa em formação, que em sua vivência passa por uma profunda e imersiva proximidade com a língua, e dedica sua vida para o estudo e aprendizado de idiomas. No Brasil, é comum encontrar em *outdoors* e placas de comércio termos em inglês, e com a internet e o avanço das redes sociais as relações internacionais ganham proximidade com a vivência cotidiana, e isso demonstra o aumento da procura por professores de língua inglesa, com uma alta demanda de pessoas que sentem necessidade de aprender inglês como meio de aprimorar em suas vidas conhecimento e habilidades que farão toda a diferença em relação às questões envolvendo o âmbito de vivências pessoais e profissionais, desde fazer uma viagem,

¹ É uma língua amplamente usada e reconhecida como meio de comunicação efetivo a nível global, mediando as relações entre os povos, e deste modo pode corroborar para as descentralizações das relações globais.

ate mesmo oportunidades de aumento salarial, são algumas das possibilidades para pessoas que têm o domínio da língua inglesa e suas competências.

De acordo com Moreia e Ribeiro (2022), a língua inglesa ter sido relacionada com as transações econômicas e se tornado a língua global possibilitou o surgimento de oportunidades, assim como melhorou a comunicação entre os países. Já O'Regan (2014), defende que o movimento do ILF carecia de teorização desde o surgimento, e mesmo assim foi uma ideia que repercutiu popularmente diante da comunidade linguística. O que se observava na prática era a utilização do inglês de modo expansivo em todos os continentes, inúmeros países ao redor do mundo, e cada vez mais com o número crescente de pessoas que buscam se aperfeiçoar e se tornar bilíngues. Lima J.H.G (2023) reforça a importância de um trabalho dialético sobre a representação que a língua envolve na globalização, enquanto que dirigida por um país de língua inglesa que se coloca como sendo o mais rico e poderoso do mundo. Pensando no atual sistema de ganhos e lucros com alta competitividade, o inglês acaba por se tornar um veículo que pode ser capaz de guiar as pessoas que possuem a língua como recurso, propiciando melhores oportunidades. Sendo assim, acaba sendo um divisor de águas, sendo possível observar como a língua passou a ser um recurso de trabalho cada vez mais preciso, abarcando diferentes populações do globo e tornando-se o idioma promovido pela maior potência mundial, a língua que atende aos interesses culturais e idealizações do povo que a exporta para os demais países.

E falar inglês é algo que se torna essencial em muitos momentos da vida, como foi dito anteriormente, sendo que essa procura pelo aprendizado passa a ser atrelado a esses outros aspectos macro sociais e linguísticos, um *modus operandi* que vai se adequando às realidades e choques culturais. Com a percepção da língua franca trazendo essa quebra de paradigma que desvincula a língua de cultura, ao mesmo tempo faz-se possível compreender e se comunicar sem necessariamente ter que se referir a cultura de língua inglesa só porque está utilizando o idioma. Sendo agora essa língua de contato, isso possibilita ainda mais a expansão e conquista de novos falantes, como ~~que~~ o idioma vai se adaptando e evoluindo para caminhos distintos que condizem com cada realidade específica em que seus falantes se encontram, como será o caso deste trabalho que focaliza as experiências de um estudante de Letras – Inglês em formação. Por isso mesmo, a vivência é um fator determinante para permear as relações do estudante envolvendo o curso de letras.

2.2. *Perezhivanie* e o curso de Letras

Vygotsky² é um autor muito importante é um autor seminal para os estudos da educação e do desenvolvimento, justamente pois se trata de um teórico que se dedicou ao estudo e pesquisa dessas áreas, sendo assim um importante nome para o século XX. O psicólogo e educador russo, deixou um legado imensurável que ainda perdura, firme e forte nos dias atuais (1998, 2001, 2018a, 2018b). A teoria de Vygotsky pode ser categorizada como sendo sócio interacionista ou histórico-cultural (Lima, 2017), fazendo uma correlação entre o desenvolvimento de cada indivíduo com fatores externos experienciados por eles (Vigotski, 2001), ou seja, as condições sócio-históricas e culturais, a linguagem, e a interação com outros indivíduos.

A palavra *perezhivanie* em russo significa uma vivência emocional profundamente subjetiva. Dito isso, diz respeito às vivências que cada um possui no decorrer da vida, e como isso vai contribuir para a construção daquele sujeito, a interpretação dos sentidos, e seu modo de lidar com a vida como um todo (Lima; Mendes, 2024). Em um mesmo ambiente de pessoas diversas, estas podem vir a ter impressões e opiniões diferentes, gostos, comportamentos, apesar de viver juntas no mesmo espaço e tradição

Dito de outra forma, cada um possui um modo de interpretar as coisas conforme sua subjetividade é atravessada pela cultura constituída em um determinado meio social. Tal interpretação parte de múltiplos pressupostos, como, por exemplo, a identidade coletiva e subjetiva de cada um, a zona geográfica em que se encontra, os saberes adquiridos ao longo da vida com o estudo e aprendizagem, assim como por meio das experiências. Tudo isso vai moldando o sujeito para que ele possa chegar às suas próprias conclusões, com base em sua construção de sentido e tomada de consciência (Vigotski, 2018).

Deste modo, atrelado a ideia de vivência, pode-se entender que tudo que o sujeito vive, e a forma como encara as coisas, vão compondo o seu repertório de emoções e conclusões chegadas através da experiência dos sentidos (Lima; Mapa, 2023). Por isso, para ser capaz de entender as conexões entre os fatores internos e externos que afetam a cada indivíduo, Vygotsky elaborou esse conceito. Dentro desses aspectos de vivência, é possível perceber algumas manifestações específicas como a ação e resposta, às emoções e a tomada de consciência. E atrelado a isso se encontra todo o processo de cognição que propicia ao sujeito poder interpretar todas as perspectivas diferentes, inerentes a sua vida. Tudo passa a estar envolvido na vida do

² Neste texto uso Vigotski ou Vygotsky de acordo com a obra citada.

sujeito como uma coisa só, ou pode-se perceber como sendo as várias manifestações de sua construção de sentido.

Quando acontece alguma coisa que impacta e a forma como o sujeito lida com isso se dá por meio de sua vivência, sua *perezhivanie*. Um exemplo estudado por Vygotsky (2018), era a relação entre irmãos gêmeos que mesmo ao possuírem as mesmas características físicas e genéticas, algumas vezes eram totalmente diferentes uns dos outros em quesito de personalidade, mentalidade e afins. Com isso, Vygotsky (2001, 2018) foi destrinchando as mediações sociais que estavam envolvidas com o desenvolvimento dos sujeitos. Todas as mediações sociais igualmente moldam a vivência. Essas mediações podem ser observadas em quase todos os ambientes, sob as mais variadas circunstâncias. Quando o professor ensina algum conteúdo para a criança está fazendo uma mediação do saber. Quando a mãe alimenta o bebê na boca com papinha, está mediando a sua alimentação, e cooperando para sua nutrição.

Assim, as vivências são perpassadas por mediações sociais que ocorrem a todo instante e que fazem parte da construção do sujeito como um todo. Por isso que, cada pessoa que passa pela vida dos outros, cada escolha feita, cada momento vivido, e cada aprendizagem adquirida vai passando a ser parte intrínseca do sujeito. O mesmo se modifica a todo o tempo devido às influências das forças externas, e das forças internas a qual estão sujeitas, como o amadurecimento físico, intelectual e emocional.

O conceito de *perezhivanie* ajuda a pensar nas vivências, que podem ser entendidas sob diversos ângulos. Nisso, a análise de vivências individuais e coletivas possui relação direta com a Linguística Aplicada, na medida em que estudar a língua implica em também conhecer seus falantes, seus costumes, suas variações linguísticas, tradições, crenças. Ou seja, tudo o que perpassa a vivência também diz respeito à língua, que é o modo de pensar e de organizar o mundo ao seu redor.

Alguns exemplos que podem ser associados a vivências, inerentes a Linguística Aplicada são: a aprendizagem e o ensino de idiomas (Lima, 2017), a formação docente (Lima; Mapa, 2022, 2023), e a identidade do sujeito (Lima; Mendes, 2024), dentre outros. Nisso, é possível pesquisar vários pontos importantes, como os medos, as dificuldades e barreiras com o ensino e aprendizagem, os deslocamentos, as resiliências, os pontos de vistas, e etc. Os medos referentes às dificuldades com o idioma, a falta de material e recurso didático necessário para apoio estudantil, a carência de suporte de professores capacitados para poder mediar o ensino, são alguns dos fatores a ser pensados a partir do momento em que o sujeito começa a se dedicar ao ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, e que pode enfrentar alguns obstáculos

que, para além de serem desafiadores, chegam a ser desmotivadores e tem relação com a vivência de cada um.

Segundo Lima e Mapa (2022), a escolha do aluno em começar o curso de Letras, no geral, está intimamente ligada às suas emoções, afetos e experiências pessoais. Muitas pessoas decidem começar o curso porque gostam de estudar idiomas, ou porque têm paixão pela literatura. Sua vivência vai encontrando as afinidades, para se embasar nelas na hora de agarrar as oportunidades. Todas essas experiências vão sendo associadas pela afetividade, aquilo se sente o que corrobora para com a tomada de decisão. Vem de uma consciência que surge, e que vai sendo alimentada aos poucos. Para que os estudantes decidam dedicar à vida à formação em Letras, há um processo para que se possa chegar a essa escolha como decisão de vida.

Lima e Mendes (2024) descrevem que as vivências associadas ao ensino e aprendizagem de língua estrangeira, são capazes de gerar inclusive, um tensionamento entre a teoria e prática, devido a necessidade de se pensar na subjetividade de cada um, dentro de determinado grupo de aprendizagem e ensino, para que se possa efetivar de melhor modo o processo de ensino, e a mediação do saber. A ressignificação de suas histórias, por base em suas vivências subjetivas, é algo que igualmente Lima (2021) estuda e propõe explicar em suas pesquisas. Alguns fatores como a paixão e afinidade com a língua, e o encorajamento dos professores podem significar fatores determinantes para se obter sucesso na área de linguística.

Por fim, a vivência se associa de um modo muito particular com o aprendizado e ensino de língua inglesa, assim como de qualquer outro conteúdo. Entender as vivências, e as subjetividades dos estudantes, coopera para a construção de uma prática pedagógica com diálogo mais fluido, e resultados mais exitosos. A vivência dos estudantes de Letras passou por diversos momentos importantes que definiram o que ele é, e como chegou a essa tomada de decisão acerca de começar a se dedicar ao curso. Por está razão, com a coleta e análise da narrativa da entrevista foi possível observar suas experiências com o idioma, e o impacto direto na sua vida pessoal e acadêmica.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho tem como base a coleta de dados por meio de narrativas escritas em forma de diário, ou seja, de caráter pessoal. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, uma vez que considera um sujeito no seu contexto local. Segundo

Mertova (2007) a pesquisa narrativa consiste em estudar as experiências das pessoas e como elas organizam suas vidas a partir desse entendimento. O perfil do participante é um professor em formação, no curso de Letras - Inglês de uma universidade federal, localizada na cidade de Mariana MG, que também é uma cidade turística, onde ele busca por meio de suas experiências pessoais com idiomas explicar como a interação dos saberes acadêmicos se manifestam no dia a dia, em experiências cotidianas com falantes de língua inglesa, sendo como língua materna ou segunda língua.

O participante selecionado é um estudante da licenciatura em Letras - Inglês de uma universidade federal do sudeste brasileiro, um rapaz de vinte e quatro anos que se descreve como alguém que tem muito interesse e afinidade pelos idiomas, e que por isso dedica a sua vida ao estudo para adquirir conhecimentos e competências linguísticas em outras línguas, assim como para atingir a fluência e domínio maior do idioma, especialmente o inglês. Por questões éticas, seu nome fictício será Vicente.

Em relação ao seu contexto formativo, seu campus universitário está localizado em uma cidade de porte médio no interior de Minas Gerais, porém sendo uma cidade histórica e turística com fluxo de pessoas de outros países, esse meio social mostra uma vantagem para pôr em prática todos os saberes conquistados com os anos de estudo.

No caso de Vicente, o aluno de Letras que está aprendendo inglês e que interage com estrangeiros na cidade turística, a língua se manifesta como meio de contato entre falantes de línguas maternas (L1) distintas, e por isso é possível observar o fenômeno da língua franca. Kohn (2019), defende que a pedagogia do ILF acerca língua inglesa traz uma perspectiva teórica e pedagógica, ou seja, deve ser um alinhamento com o objetivo de propiciar ao aluno autonomia e desenvolvimento de um conhecimento construído social e aberto, expandindo um entendimento de uso da língua inglesa por motivos próprios que independem dos falantes nativos como referência de se comunicar corretamente. Esta ideia se alinha com a presente pesquisa, na medida em que os conhecimentos adquiridos na universidade contribuem para que o aluno possa buscar se dedicar por outros meios ao aprendizado continuado e aperfeiçoamento constante na língua. Ao mesmo tempo, mostra ser um caminho importante da formação de professores ao tentar compreender como esse participante relaciona o que aprende no curso de Letras com as suas interações do cotidiano.

Em um cenário de internacionalização das universidades brasileiras, é cada vez mais comum a oportunidade de conviver com estudantes estrangeiros dentro e fora da sala de aula. Assim, a vida universitária contemporânea propicia vivências de conversas e trocas que

agregam mais conhecimentos sobre outros costumes e tradições por meio das interações em inglês, de forma que buscamos compreender nos relatos de Vicente se essas vivências são atravessadas também pela formação em Letras no sétimo período.

Para Vigotski (2001), a construção de conhecimento envolve tanto a formação de conceitos cotidianos (aquilo que se aprende no dia a dia), quanto a de conhecimentos científicos (aqueles aprendidos em situações mais formais de estudo, como é o caso do curso de Letras. Deste modo, as experiências do estudante de Letras em formação denotam que o conhecimento não pode simplesmente ser aprendido em sala de aula simplesmente para passar em exames, sem ser levado para a vida. Atrelado a memórias e emoções, no conceito de *perezhivanie*, analisar as relações de trocas de saberes em conversações tem a ver com construir experiências concisas e importantes ao consolidar o saber buscado na formação, e expandido com a vivência cotidiana.

Dessa forma, a pesquisa analisou uma narrativa escrita pelo estudante que abordaram temas da vida cotidiana e de sua formação em Letras, tendo em vista temas como conversação e oralidade, questões referentes a fluência e domínio da língua inglesa, e a construção dos saberes científicos em práticas cotidianas dentro e fora da universidade. Para elaborar a narrativa, Vicente recebeu um pequeno roteiro formado por dez questões com temas sobre suas memórias de aprendizagem de línguas e suas experiências no curso de Letras. Todavia, ele teve total liberdade para abordar o que quisesse em seu texto.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esta seção apresenta a narrativa de Vicente analisada a partir de dois pontos centrais. Na seção 4.1 analisamos os sentidos que o participante constrói de si sobre sua aprendizagem de inglês e sua relação com o curso de formação de professores (Letras). Na seção 4.2 analisamos nas narrativas o impacto do curso de Letras a partir de possíveis articulações entre conhecimentos cotidianos e científicos que permeiam as reflexões do estudante de Letras.

4.1 Sentidos sobre si enquanto um aprendiz de inglês em construção

Um dos primeiros temas da narrativa de Vicente é a visão de si enquanto aprendiz de inglês, antes do professor que deseja ser. Seus relatos ao longo dessa seção se dedicam a discutir, do ponto de vista da *perezhivanie* (Vigotski, 2018), o sentido que constrói da

experiência de aprender uma nova língua, as relações afetivas, as interações com os outros e as tomadas de consciência. No primeiro excerto ele nos convida a refletir.

Excerto 1

Me vejo como uma pessoa esforçada que está constantemente estudando e que faz de tudo para poder melhorar. Assim, sou uma pessoa que é dedicada ao ensino e aprendizagem de idiomas, de modo integral na vida, não somente em sala de aula. Apesar de me sentir em dificuldade com o sistema, e de também ter problemas de ir às aulas e entregar os trabalhos na data certa. Com relação ao estudo da língua, creio que sou uma pessoa dedicada já que passo muito tempo pesquisando, estudando, fazendo exercícios, lendo livros e outras formas de estudo como ver vídeos e ler matérias de jornais.

Neste relato, que analisamos na perspectiva da perezhivanie de Vygotsky (2018), Vicente expõe vários aspectos de seu íntimo, como sua ação e resposta diante do aprendizado de língua inglesa, suas emoções e a tomada de consciência advinda de todo esse novo acúmulo de saberes. Deste modo, é possível observar as impressões que o professor de língua inglesa em formação tem de si mesmo, sua formação continuada que se estende para fora das salas de aula, e a dedicação constante que visa levar ao aperfeiçoamento do saber linguístico, e ao aperfeiçoamento da língua inglesa como um todo. Se descrevendo como uma pessoa “esforçada”, é possível observar a auto análise que retrata uma pessoa sempre em busca de seus objetivos. Em relação a dedicação ao ensino e aprendizado de língua inglesa, ele se entende como uma pessoa que está sempre estudando e pesquisando. Tal comentário denota a relevância dos esforços nos estudos, e a prática contínua que se faz necessária.

O excerto 1 denota comprometimento e apreciação como caracterizantes do sentido que constrói sobre si. Outro aspecto levantado é a necessidade da autonomia do estudante fora da sala de aula, de forma ativa e complementar. Ao mesmo tempo, reconhece suas limitações, exemplificadas no trecho sobre ter dificuldade em ir às aulas e entregar os trabalhos na hora certa, ou seja, de cumprir os requisitos e as convenções daquele meio social, a universidade. Apesar de descrever como uma dificuldade, ele não reconhece que essa responsabilidade é algo que precisa desenvolver naquele contexto. A seguir, ao falar sobre as visões de si, inclui ainda uma reflexão sobre seus planos futuros.

Excerto 2

Assim, tenho o desejo de morar fora do país. Fazer mestrado em linguística, publicar pesquisas que penso em fazer, lecionar e tudo o mais eu vou poder me dedicar a língua em todos os âmbitos, de preferência passando um tempo em uma nação de língua inglesa. Com isso, quero a cada dia mais realizar os intentos para que esses objetivos venham a se materializar de vez. Às vezes penso muitas coisas diferentes para mim, em relação a como me vejo daqui há alguns anos. Consigo me visualizar fazendo concursos, mestrado, ou até mesmo outra graduação. Eu não sei. É tudo muito incerto,

e quero descobrir a cada dia mais o meu lugar no mundo, me encontrar em mim mesmo e no que estou estudando.

O excerto 2 nos permite inferir que Vicente é uma pessoa sonhadora, que tenta equilibrar a emoção com a objetividade, e que almeja galgar muitos passos daqui em diante. O relato transita entre as possibilidades de morar fora, fazer mestrado, fazer pesquisas e ensinar. A ideia de mobilidade, seguida da construção de uma identidade intercultural dialoga com Byram (2008), nessa busca pela autonomia crítica de quem atua no ensino de línguas. Há uma vontade enorme em conquistar o êxito profissional, contudo, às vezes até parece que Vicente está perdido diante de tantas possibilidades, e dos obstáculos que se interpõe no seu caminho. Apesar das incertezas, Vicente se propõe a continuar tentando. Seguindo na luta pela realização dos seus objetivos, e aspirando que tudo possa se materializar mesmo. E para além das incertezas comuns no processo de tornar-se professor (Lima, 2017; Lima; Mapa, 2022; Lima; Mendes, 2023, 2024), o professor em formação ainda segue tentando se encontrar profissionalmente no mundo, construindo novos sentidos sobre si. No próximo excerto ele menciona suas incertezas.

Excerto 3

Consigo enxergar com leveza esse meu conhecimento e interesse pelos idiomas, e a vontade de morar fora do país, mesmo que só por um tempo, é algo que me toca. Uma ideia que sempre fico associando na minha cabeça com as outras possibilidades para que eu possa seguir estudando e trabalhando, sem depender de ninguém da minha família. (...) Dá um medo assim, pensar que tudo pode dar errado, e calcular outras possibilidades como plano B para me estabelecer na vida. Só que ainda sim tenho esperança de que mesmo que leve muitos anos, quero continuar tentando para dar certo, e quero sempre aproveitar as oportunidades para me especializar.

Nem sempre é possível fazer somente o que se ama. Na maioria das vezes acontece o contrário, e as pessoas estão fadadas a fazer aquilo que detestam, ou que pensam ser algo que entedia. O mais importante não é só fazer o que gosta, mas também aprender a gostar do que faz. Enxergar com leveza o interesse pelos idiomas foi um modo encontrado para lidar com os desafios de aprender inglês durante o curso de Letras e suas outras demandas. Quanto mais a aprendizagem vai sendo instituída na vida, mais se naturaliza de modo a facilitar a convivência, e o aprimoramento linguístico. Vicente consegue entender a relevância que os idiomas têm na sua vida, e com isso, a importância de manter contato com essas outras línguas constantemente. E é esse entendimento que parece guiar sua vivência de fazer Letras.

Como parte de uma geração jovem que lida com os impactos financeiros que atravessam seus planos de futuro, ao mesmo tempo que em concebe a ideia de morar fora do país, pondera sobre o desejo de ter sua autonomia financeira e não depender de seus pais. Seja para se sentir

mais digno ou auto confiante, e saber que não irá pesar os bolsos de seus familiares ajuda na sua paz de espírito e perseverança. Apesar dos medos e da possibilidade de dar tudo errado, ainda há esperança em sua narrativa. E isso não é algo exclusivo seu. Diversas pesquisas têm mostrado como a incerteza é uma questão afetiva intensa no começo da carreira por vários motivos (Lima, 2017; Lima; Mapa, 2022; Lima; Mendes, 2023, 2024). Pennycook (2001), por exemplo, elucida que a prática do ensino de língua inglesa perpassa vários fatores pertinentes, que devem ser mencionados, como a identidade que está inserida no sujeito enquanto professor. Ao se deparar com a realidade, o cenário educacional brasileiro pode parecer desmotivador, e as ideologias vigentes na escola acabam desanimando os profissionais, ainda mais no início de carreira. A citar um exemplo, o professor que desconsidera a ideia de língua franca e variação linguística, está também contribuindo para a ideia hegemônica que implica na ideia de que há apenas um modo de falar em inglês corretamente.

Como dito anteriormente, esses anseios, não são tão somente seus. A seguir, ele discute sobre suas ambições e como algumas delas parecem uma realidade distante.

Excerto 4

Sinto que muitas pessoas acham que não estão aptas para fazer um mestrado, ou algo do tipo. Eu tenho essa ambição profissional, mas ao mesmo tempo parece algo tão distante e inalcançável para mim também. O que venho me propondo é seguir tentando com paciência e cautela. E só de um dia haver a possibilidade de eu conseguir me formar, creio que isso já pode ser um divisor de águas na minha vida.

O sentimento de impotência, e de insuficiência, perturba muitas pessoas. Seja para fazer um mestrado, ou para obter êxito em outras áreas da vida. O medo da derrota faz com que muita gente nem chegue a tentar realizar aquilo com que um dia sonharam. É difícil compreender as motivações de cada um, o que os move e faz com que suas vidas brilhem. O que dá para dizer é que, em uma sociedade tão cheia de carências, às vezes faltam condições para sonhar. Apesar de suas expectativas para o lado profissional de sua vida, Vicente é confrontado diante da incerteza. A insegurança faz com que as coisas pareçam, de certo modo, inatingíveis. Por um lado, pela realidade dura de aluno pobre advindo da escola pública, e que a todo tempo teve que abdicar de muitas coisas, fazendo sacrifícios para poder seguir estudando e se manter inserido no ensino universitário. Por outro, pelas dificuldades de permanecer no curso, cumprir todos os requisitos e lidar com as expectativas e exigências do próprio sistema universitário, concretizado na formação em Letras.

Por falar nisso, além de olhar para si, Vicente olha para sua aprendizagem de inglês e para o conhecimento que tem construído até esse momento. No excerto 5, podemos observar como ele reflete sobre sua trajetória de aprendizagem de inglês.

Excerto 5

Para mim, o meu inglês atualmente é compreensível e eu posso me comunicar com as pessoas, inclusive com nativos. Ao mesmo tempo, eu não tenho como falar constantemente o idioma, por conta de que eu tenho pouco contato com pessoas que falam inglês e isso não permite que eu pratique a conversação de modo ativo todos os dias. Só que as aulas de conteúdos em língua inglesa do curso ajudam muito a praticar, principalmente o *listening*, apesar de que essas aulas são para ouvir e aprender, mas não tem como praticar muito

O excerto inicia como uma descrição favorável de seu próprio inglês pelo uso do adjetivo “compreensível” e a referência ao falante nativo possivelmente resgata a imagem do falante como referência de falante inglês, considerado avançado, como quem ele se sente capaz de interagir. No entanto, ele não parece idealizar o falante nativo, mas foca na ideia ter um inglês que possibilita se comunicar. Daí a importância de ser compreensível. Fazer-se compreendido e compreender outro é um verdadeiro desafio. Isso pode empolgar os mais competitivos, ou entusiastas do aprendizado de línguas estrangeiras. A ideia de Língua Franca (LF) surge para propor justamente isso: a compreensão na comunicação, e não um modo de falar baseado em apenas um perfil de falante.

De acordo com Lima (2021), o ensino de língua inglesa se apresenta como uma prática social, por isso mesmo que é muito importante desenvolver as competências linguísticas de modo harmonioso entre elas. As aulas no curso de Letras, apesar de serem bem úteis na prática da escuta ativa em língua inglesa, recebem uma crítica de Vicente, em relação a falta de espaço para poder ter a oportunidade de praticar mais a conversação pois possibilitam muito espaço para a prática da língua. E, apesar de morar em uma cidade turística, ele parece nos dizer que não interage com estrangeiros com tanta frequência como gostaria, embora as interações com pessoas nativas também sejam muito úteis para o aperfeiçoamento no inglês. Por isso, essas limitações são pertinentes, e importantes para serem mencionadas. Elas convergem com os medos e receios de Vicente enquanto aprende inglês no curso de Letras, mas em nenhum momento implicam na impossibilidade de estudar e praticar o idioma. Pelo contrário, essa chance de estar imerso em um ensino de qualidade e de poder fazer uso da escuta da língua inglesa na sua rotina, são compensações para aquilo que ainda não se encontra num nível tão alcançável, como o falar constante.

Dessa forma, Vicente olha positivamente para as experiências do curso de Letras como momentos em que precisa aproveitá-las para a prática do idioma. Essa questão é exemplificada no próximo excerto.

Excerto 6

Por muitas vezes conversei em inglês com amigos, ensaiei com eles para apresentações de seminário, e isso foi algo que corroborou muito para que a minha prática pudesse melhorar. Só que nessas conversas e experiências eu acabo podendo ter uma amplitude maior do que estou estudando, e praticando com as conversas sobre teorias e demais conteúdos do inglês.

Referenciando as conversas tidas em inglês com amigos, nota-se que a prática e exposição aos diálogos noutra língua não são constantes, mas também não são inexistentes. Aqui Vicente parece dizer nas entrelinhas que gostaria de mais dessas oportunidades de interação, de mais formas de desenvolver oralidade nas aulas da universidade. Ainda assim, essas experiências do curso permitem que ele visualize uma relação entre o que estuda no curso (um saber científico) e a língua inglesa que utiliza fora da sala de aula (um saber cotidiano). Nessas interações, os saberes científicos e cotidianos vão se intensificando, interagindo simultaneamente um com o outro. Isso evidencia quando Vicente diz poder ter uma amplitude maior daquilo que estuda e se dedica na graduação, a partir do momento que coloca em prática seus diálogos na língua inglesa com os estrangeiros, ou com amigos bilíngues que também possuem entendimento do idioma. Por mais que ele gostasse de mais oportunidades assim, as que tem tido já lhe permitem essas reflexões.

Para Canagarajah (2005), a noção da difusão dos saberes em espaços periféricos, marginalizados e informais é uma forma de resistência epistêmica. Deste modo, constata-se que por muitas vezes a língua inglesa vem sendo praticada no dia a dia por vários motivos e que esses modos podem caracterizar formas de resistência. Falar de teorias estudadas em sala de aula amplia a magnitude do saber, expande o vocabulário e permite ao sujeito em formação (o aluno de Letras) fazer perguntas, duvidar e criticar. Esses conhecimentos tem um potencial de fomentar o pensamento crítico, mas desde que ensinados de maneira que seja possível pensar cada um deles sempre em relação ao que o sujeito visualiza localmente no contexto onde vive, naquilo que sente e faz (a sua vivência). Dito de outra forma, a questão em si não é só a aprendizagem de Vicente, mas seu olhar pessoal e crítico sobre sua experiência local. Ao mesmo tempo em que é capaz de fazer críticas à sua formação no curso de Letras (dizendo o que esperava do curso – mais oportunidades de prática da língua), sua narrativa nos sugere o que quer fazer com essa língua (se comunicar com outros), ou seja, como toma ela para si.

Excerto 7

Recitar poemas, falar sobre um método de ensino e aprendizagem como o CLIL³,
 que é um método que me inspira muito. Entender mais sobre questões culturais e
 históricas
 dos países de língua inglesa, por meio de abordagens em teses da realidade, ou através
 da literatura que representa profundamente os povos. Com a literatura, é possível
 aprender questões cotidianas como metáfora, e começar a desvendar o saber e o
 sentir
 dessas pessoas que têm como língua o inglês.

Nesse trecho, Vicente menciona diferentes tipos de conhecimento adquiridos ao longo da experiência do curso de Letras que ele entende como recursos para se desenvolver na língua inglesa. Alguns exemplos disso estão atrelados a literatura e aos poemas, temas que interessam Vicente. O espírito de um povo, seu modo de pensar e de lidar com as situações, seus medos e preconceitos, suas aspirações e a noção de sujeito, assim como a ideia de identidade nacional. Tudo isso é muito bem caracterizado pela literatura, tornando-se pertinente à ciência e ao saber individual. Referenciando a literatura, Vicente denota naturalidade com os conteúdos acadêmicos, mostrando que eles verdadeiramente estão sendo assimilados e aprendidos. Entender uma metáfora ou uma gíria, tudo isso faz parte da melhor compreensão e clareza de uma nova língua.

Excerto 8

Em relação à língua inglesa, muitos estrangeiros, até mesmo os que são falantes de um outro idioma também possuem boa comunicação em inglês. Isso permite que eu possa estar próximo de uma imensa gama de sotaques, e inglês manifestado nas mais diversas formas. É uma abrangência muito grande, e isso coopera para a expansão do idioma que vai se naturalizando na minha vida a cada dia mais. (...) Sem o acesso a línguas estrangeiras como recurso para minha comunicação eu não poderia esses diálogos que tanto me acrescentam.

Vicente ressalta mais uma vez a importância da boa comunicação em inglês, e neste ponto vemos como o aluno demonstra uma visão mais ampla sobre quem fala inglês, a comunidade internacional, e não somente pessoas que nascem em territórios onde o inglês é a primeira língua aprendida/ensinada. Neste momento, o professor em formação se refere à compreensão que outros povos possuem do inglês – sem se limitar ao exemplo dos nativos. O que denota que, poder entender o que as pessoas estão dizendo faz toda a diferença para poder se relacionar com elas. E novamente as variações linguísticas ganham destaque, o que se torna óbvio a nível de importância para enriquecer e ampliar as noções do idioma internacional.

³ *Content Language Integrated Learning*, ou algo como Método de Aprendizado de Língua por Conteúdo Integrado, é uma metodologia de ensino e aprendizagem de língua inglesa que propõe que a ação de estudar inglês em sala de aula seja mais variada, utilizando de multiletramentos, inúmeros recursos e de conteúdos diferentes, como geografia e matemática, contidos na prática do estudo de língua inglesa.

Toda essa ampliação dos saberes parece expandir a visão que Vicente tem sobre o que representa a língua inglesa no mundo hoje e quem são os potenciais falantes de inglês com quem ele pode e quer interagir. As variadas formas simbolizam os diferentes tipos de pessoas, com as múltiplas culturas em que estão inseridos, que coabitam simultaneamente na terra, ou seja, não apenas os chamados nativos. Sem o acesso a línguas estrangeiras enquanto recursos, Vicente reconhece que os diálogos que teve até então não seriam possíveis. Aprender outra língua também amplia sua voz. Aumenta suas chances de poder conversar com os outros, e conviver com os que são considerados diferentes no Brasil, ou seja, as pessoas que vieram de fora. Blommaert (2010) aponta para a forma livre e fluída com que a língua circula, transicionando e se adequando aos diferentes contextos sociais. Por isso, a língua é muito importante e perspicaz na facilitação do contato e interação, assim como para se obter novas oportunidades e conhecimentos. E quanto mais convivência com outras nacionalidades, adquire-se ainda mais tolerância e compreensão daquilo que não existe partindo da lógica brasileira, e de seus pressupostos. Em resumo, Vicente sugere a construção de uma visão baseada no Inglês como Língua Franca (ILF), que neste caso se aplica aos seus interesses pessoais aqui descritos. A seguir, ele reflete um pouco mais sobre isso.

Excerto 9

É muito interessante quando encontro pessoas de outros países, e assim tento usar uma língua em comum para nos comunicarmos. (...) Nem sempre me sinto muito disposto para falar em outras línguas, ou até mesmo no português, mas no geral é algo que aprecio muito. Por isso, tento sempre aproveitar as oportunidades que me aparecem para poder praticar.

Vicente se sente entusiasmado, e atribui relevância ao fato de poder se encontrar com pessoas de outros países, e se comunicar com elas utilizando a língua inglesa. Ao citar que tenta usar uma língua comum para se comunicar, em relação ao inglês, essa ideia de língua em comum também parte do princípio atribuído a Língua Franca. Volta-se para a noção de língua de comunicação, estabelecida deste modo. É elevada a esse status quo por meio de convenção social global. O inglês não consegue deixar de ser propriedade exclusiva de povos seletos (frequentemente descritos como falantes nativos), que o têm como língua original oficial. O inglês é de todos aqueles que buscam compreender e se inserir nele, assumindo assim características de uma identidade híbrida.

Com a língua inglesa, um peruano consegue se comunicar com uma pessoa de Bangladesh. E um brasileiro consegue se comunicar com um indonésio, mesmo que um não fale a língua do outro. Bialystok (2001), elucida que o bilinguismo é muito benéfico para as

vivências do sujeito e a cognição. O inglês faz essa ponte de forma tão eficaz que é um dos pontos a qual se atribui seu sucesso e êxito em dialogar com as mais diversas nações. Os povos falam inglês, por praticidade e comodidade, e essa é uma alternativa para poder falar com qualquer um sem ter que aprender dúzias e mais dúzias de idiomas, o que seria praticamente impossível e inviável, sobretudo para as pessoas que não dedicam sua vida profissional ao ensino e aprendizagem de idiomas.

Apesar de ter poucas oportunidades, Vicente deixa algumas delas passar, alegando indisposição. Nem sempre as pessoas se encontram em um bom momento para conversar, e nem mesmo no próprio idioma. Pode ser ainda por falta de afinidade com determinadas pessoas também, timidez e outras características individuais. Mas no geral, Vicente aprecia falar em outros idiomas e anseia por essas oportunidades. Assim, faz-se valer a necessidade de aproveitar as oportunidades enriquecedoras para poder praticar idiomas, e se aperfeiçoar durante essas ocasiões.

Excerto 10

Ao conversar com as pessoas em inglês eu me sinto diferente de quando estou pensando ou conversando em português. Às vezes é um pouco complicado, quando estou mais compelido pela timidez e introspecção. Tem momentos em que me empolgo, que sinto uma gratificação grande de poder me comunicar, e que a língua estrangeira flui mais facilmente pela minha boca. E há outros em que minha mente oferece mais resistência em executar a ação, e tenho mais dificuldade de me lembrar das regras de estruturação frasal, cometendo mais erros ou falando com menos convicção. Quando estou bêbado, de modo geral, costumo ficar mais pra frente nesse sentido de me expressar, inclusive em outros idiomas.

O estado de espírito de Vicente parece se alterar ao falar em outra língua. Usando a língua inglesa ele se sente outro. Não parece o mesmo sujeito que quando fala português, até suas preocupações e aspirações são outras. Se em português, por exemplo, ele costuma pensar sobre problemas relacionados a contas para pagar, e a prazos para entregar trabalhos acadêmicos, em inglês, suas preocupações são mais atreladas a se está usando bem a gramática ou executando uma pronúncia compreensível, com dicção adequada – não necessariamente para se parecer com um nativo, mas o suficiente para ser entendido. Em sua vivência durante o uso da língua inglesa, as circunstâncias também parecem mudar. Daí a razão de parecer ter os sentidos obliterados, ou com as configurações trocadas para outro *modus operandi*. Até a lógica para o entendimento próprio, dos outros, e do mundo, se modifica e se amplia, na medida em que os saberes também vão se consolidando.

Pouco a pouco ele se esforça para se comunicar. Ao adquirir um novo conhecimento, de maneira natural as coisas vão adquirindo um novo sentido. A timidez e introspecção podem ser

forças opressoras, quando o compelem ao silenciamento, e faz com que ele deixe passar oportunidades para poder praticar o idioma.

E mesmo assim, nos momentos de empolgação, Vicente pode sentir quase que de modo palpável sua gratificação por ter se dedicado todo esse tempo ao inglês, e por poder ser eficiente em se comunicar nessa língua. A língua é poder, e quando os sons fluem mais facilmente, escapando por entre os seus lábios e deixando sua boca para ecoar pelo espaço em que se faz presente, é que ele nota as congratulações que são tão benéficas, o seu esforço antes e durante o curso de Letras. Essa é uma realização que o motiva a dar continuidade a seus estudos.

Romper com a resistência psíquica, a nível de comparação, é quase como desafiar a gravidade. Vencer os próprios limites não é nada simples, e fica aí como sendo um exercício diário corriqueiro a ser executado. É possível observar que Vicente se preocupa muito com seus erros, isso faz com que ele tenha uma questão de ilusão de completude que o atravessa e o medo de errar pode o bloquear, atrapalhando no uso de outros idiomas para a comunicação efetiva. Para Grosjean (2008), as experiências linguísticas constituem um modo de vida, não algo segmentado por níveis de proficiência, ou que pode ser encarado apenas por um breve momento em que a língua se faz necessária, como quando o estudante se encontra na sala de aula. A língua vai se constituindo como uma forma integrada e intrínseca ao ser, e por isso Vicente se sente divergente ao falar em outra língua. Se bêbado, o professor em formação consegue se soltar e falar com mais destreza outros idiomas (o que poderia ser interpretado como crença pessoal), isso mostra que o seu convívio com os idiomas não é algo que está a par, condicionado apenas a sala de aula e esquecido no restante no tempo. Pelo contrário, se comunicar em língua estrangeira, em especial no inglês, é algo que se faz presente até mesmo nos momentos de lazer e descontração, como no caso em que faz uso de bebidas alcoólicas.

Por fim, há momentos de tempestades e outros de bonança. Às vezes faz-se necessário usar outro idioma para vencer um novo desafio, ou superar algum obstáculo. Desde momentos formais, na universidade, apresentando trabalhos e se dedicando aos estudos. Até nos momentos mais descontraídos, quando bebe e se diverte, isso atravessa a percepção de sua própria identidade e a noção de sujeito capaz de se comunicar em outros idiomas, o que corrobora com sua vida em muitos aspectos. Toda a vida se finda nesses altos e baixos, nesses desafiadores momentos em que é preciso lutar para poder encontrar forças e seguir adiante com os propósitos, batalhando para a concretização dos sonhos. Para assim poder ser capaz de construir uma vida com mais dignidade e tranquilidade, por meio do reconhecimento e da aquisição de conhecimento.

Em linhas gerais, a perezhivanie de Vicente é marcada por uma trajetória complexa de realizações e de desafios em construção. Em relação ao meio social, em sua narrativa emergem a vida cotidiana mais ampla (festas, a cidade onde vive) e mais especificamente a universidade – na sua formação em Letras. Sobre esses contextos, a narrativa mostrou que o conhecimento está integrado ao sujeito, e por isso é inerente a ele mesmo em todos os momentos, estando presente nas mais diversas manifestações do cotidiano. Em relação a presença do outro, observamos a menção de amigos e parentes, mas o principal destaque é a ideia de um falante internacional com quem Vicente deseja interagir. Isso nos remete a ideia de ILF, uma vez que mostra que o conhecimento não se constrói, ou é posto em prática, tão somente de modo individual. O saber permeia a coletividade, e a presença de outras pessoas com quem praticar é um fator primordial para poder progredir. Em termos afetivos, a narrativa traz exemplos de altos e baixos sobre como Vicente se sente ao interagir em inglês e ao estudar Letras. Por fim, todas essas questões parecem impactar sua visão sobre o que é falar inglês hoje e com quem Vicente deseja se comunicar. Para ele, falar inglês hoje é um ponto chave em sua vida. Faz parte de sua rotina estudar, e falar em inglês. A relação com o idioma já está muito íntima com sua vida, e as memórias afetivas que ele vai criando com o idioma ajudam a idealizar o sentido de familiaridade maior com a língua estrangeira. Ele pensa ser possível se comunicar com outras pessoas de outros países por meio do inglês, enquanto ferramenta que propicia a comunicação, e que aumenta as chances de ter alguma interação com pessoas de outros países.

4.2 O papel do curso de Letras – saberes cotidianos e científicos

Na seção anterior, analisamos a vivência de Vicente no curso de Letras e as visões de si enquanto aprendiz de inglês e de estudante de Letras em formação. Para esta seção temos como foco aprofundar a análise narrativa para observar como o sujeito integra as experiências formativas do curso de formação docente e sua vida cotidiana. Para isso, resgatamos os conceitos de conhecimentos cotidianos e científicos de Vigotski (2008).

Excerto 11

Consigo muitas vezes utilizar os saberes do curso de Letras Inglês em minhas conversações, assim como o contrário também acontece (...). Desde a gramática, até conhecimentos literários, socioculturais, históricos e afins. Tudo isso vai formando parte de um escopo que vou acumulando em minha essência, fica gravado na memória, fortalece minhas conexões e me ajuda a evoluir cada dia mais nos idiomas. Isso tudo se entrelaça bem, o que é muito benéfico e positivo.

Com essa reflexão sobre a tomada de decisões, podemos observar o despertar da consciência para a importância de se interseccionar os saberes adquiridos em sala de aula, durante o tempo passado no curso de Letras Inglês, com a aprendizagem advinda do cotidiano. Muito do que se aprende no dia a dia pode ser utilizado como uma base, para estruturar um conhecimento a nível científico. Nenhuma pessoa aprende sua língua materna de modo apenas formal, polido, técnico e embasado nas teorias que conhece durante a graduação em Letras. Do mesmo modo, é possível observar que, ao aprender uma segunda língua, o falante não a adquire instantaneamente de modo bem consolidado, seguido de uma compreensão mais íntima com a gramática, os saberes, a cultura, e o modo de pensar de outro povo como um todo. Esse é um processo gradual, que varia de cada interlocutor, e que pode depender de circunstâncias adversas.

Toda e qualquer aquisição de novos saberes vai se acumulando no repertório linguístico daquele sujeito, como no caso de Vicente, o estudante de Letras - Inglês que sente em seu processo de aprendizado e ensino de língua inglesa uma mudança interior muito grande. Em sua narrativa, o que observamos inicialmente é que Vicente faz uma extensa reflexão sobre como sua identidade se constituiu e se transformou ao aprender uma nova língua e, como ela foi capaz de impactar sua tomada de consciência sobre seu lugar no mundo – sua identidade enquanto falante de inglês em uma realidade local. Assim como Bauman postula que a identidade nunca é uma coisa completa.

A distinção de si mesmo com os demais, é inevitável em um país tão grande como o Brasil, um estado de cultura mono linguística, onde se fala por costume tão somente o português brasileiro – apesar da existência de outras línguas como a Libras e as diversas línguas indígenas. Nesse caso, ao aprender e ensinar uma nova língua, o sujeito passa a se distinguir nesse aspecto linguístico. Automaticamente, é notório que sua noção da realidade também se expande com o saber linguístico, em constante aquisição. Sendo assim, tudo o que é relacionado ao idioma vai se misturando, seja o saber científico, ou o saber comum do dia a dia (cotidiano). Os saberes que Vicente constrói ao longo do curso de Letras - Inglês, são também os saberes do mundo. Com os estudos decoloniais, e a perspectiva das diversidades culturais e linguísticas, observa-se que a academia tenta de certo modo entender, elucidar, e difundir a noção empírica de certos tipos de conhecimento locais que nem sempre foram considerados em mesmo grau de importância dos saberes cotidianos que as pessoas desenvolvem em diferentes culturas.

Segundo Vigotski (2008), quando o saber cotidiano fica presente na memória e é partilhado culturalmente, ele é levado para a sala de aula quando é então introduzido aos saberes

científicos por meio da instrução (o processo educativo). O sujeito é a sua totalidade por si só, cada um por si mesmo é uma completude, deste modo vai se descobrindo e se construindo ao longo da vida em meio a essência do que si é em todos os instantes de sua vida. Dito isto, em sala de aula, o que se aprende do lado de fora não fica esquecido. E direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, esses saberes vão se manifestar durante o tempo em que o sujeito se dedica a sua formação. Um ensino apropriado, nessa perspectiva, é aquele capaz de articular ambas as formas de conhecimento, sem excluir, mas visando uma integração.

No excerto 12, Vicente detalha a questão de uma identidade é a construção/noção de determinado sujeito que se transforma ao longo dos anos no curso de Letras, algo atravessado por uma vivência latina.

Excerto 12

Isso [*referindo-se a fazer Letras - Inglês*] me ajuda a fortalecer minha identidade latina, pois no Brasil de modo geral penso que não pensamos e refletimos sobre isso. Nos vemos mais como brasileiros mesmo, e temos grupos identitários nacionais que não se aplicam da mesma forma fora do país. Ouvir alguém o chamando de latino, e te entendendo como nessa identidade, quando você mesmo ainda não refletiu sobre, é

algo que faz pensar e questionar. Isso corrobora, automaticamente, para a construção da identidade latina. Partindo do ponto em que passo a me informar para entender melhor o que isso implica em minha vida.

A construção da identidade latina é um tópico importante a ser frisado, pois é uma ideia global de que os sujeitos passam a ter de si mesmos. Pode ser que dentro do Peru, as pessoas se enxerguem em grupos, como uma identidade nacional peruana, a identidade de quem nasceu e viveu em Lima, ou identidade de povos originários como os quechua⁴, que tentam preservar sua língua e tradição. O mesmo ocorre dentro do Brasil. Quem nasce em Minas Gerais adquire um rótulo de identidade mineira, mas é sua experiência cotidiana em interação e conflito com outras pessoas e contextos que vai configurar, subjetivamente a sua mineiridade. Além disso, temos a identidade nacional brasileira. A identidade de ser pertencente ao sudeste, e assim por diante. Vicente é a combinação de uma identidade complexa e, neste momento da narrativa opta por focalizar na questão latina.

Uma identidade latina é então declarada como inerente a um grupo de povos que têm em comum o tronco linguístico da língua oficial em seus países de origem. Sendo assim, o passado desses territórios também converge em sua história de colonização. Não por acaso, as nações das Américas outrora foram alvo de disputa entre os países europeus. Como

⁴ Os Quechuas são povos originários da região andina. Esse grupo étnico descende dos Incas. Hoje seus descendentes tentam preservar suas tradições culturais, presentes em artesanatos como jarros de barro, tapeçarias de lã e tecidos coloridos. Assim como também mantém ainda sua língua materna, o quechua, apesar de também falarem o espanhol.

consequência, houve o apagamento das línguas originárias ameríndias, e a substituição pelos idiomas europeus. Os latinos, portanto, são pessoas que falam algum idioma materno derivado do latim. De certa forma, é uma continuação do legado da cultura clássica antiga. Por outro lado, é também uma ressignificação e um símbolo de empoderamento entre essas pessoas, uma vez que uma identidade latina não é um bloco homogêneo, mas uma categoria complexa repleta de muitas diferenças entre as suas partes.

Os brasileiros, conhecidos como um povo que não desiste nunca, fazem jus a esse sentido de latinidade. Os latinos brasileiros, são pessoas que batalham no dia a dia para sobreviver, e que clamam o tempo inteiro por condições mais dignas de vida. A pátria amada Brasil, com seu histórico nada promissor, se feriu de inúmeras mazelas que perduram, desde outros períodos históricos até os tempos atuais. Essa semelhança entre Brasil, Peru, Bolívia, e tantos outros países, traz uma reflexão de que a construção do modo de pensar de um povo e sua língua, consequentemente estão atreladas a um histórico comum. Fortalecer a identidade latina, é mais do que nunca se entender enquanto ser pertencente desta teia global. É se colocar em seu lugar. Para além de distopias, e inferiorização.

Muitas pessoas ainda seguem sem fazer uma reflexão sobre sua identidade latina e para Vicente, essa oportunidade se deu durante a experiência de aprender inglês no curso de Letras. A visão de si como latino, contudo, é ainda um fortalecedor continental nas ideias empíricas e abstratas também. A noção de que se é pertencente a um país igualmente continental, faz com que a ideia de ser brasileiro pareça grandiosa sob certas perspectivas. Contudo, ainda há a tão famosa síndrome de “vira-lata”, que é comum entre as pessoas do país. Por fim, Vicente busca se informar e compreender melhor sua identidade latina que está passando por um processo de construção constante. Ele quer saber o que isso implica em sua vida, e se informar cada vez mais para poder ficar a par de todos os contextos políticos, econômicos, socioculturais, e principalmente linguísticos. O inglês está ligado a tudo isso, o que é inevitável.

Excerto 13

[Espero que seja] possível para mim ter uma dimensão maior de mim mesmo enquanto sujeito. Assim, é possível para mim ter uma dimensão maior de mim mesmo enquanto sujeito, uma construção de identidade, e uma projeção para a minha nação no futuro da economia e sociedade global. Tenho aprendido na universidade a pensar o mundo de modo crítico e reflexivo, levando as interculturalidades a nível de busca pela equidade entre os povos.

Ao ilustrar a figura do sujeito enquanto a construção do conhecimento, a universidade emerge como meio social onde essa transformação ocorre. O sujeito é nada mais que a construção social que implica num conjunto de fatores, onde ele nasceu, a geografia, biologia

e história do lugar. As tradições de seu povo. As crenças, as regras, seu status. E transcendendo o que vem de fora, o sujeito também é aquele que está sempre seguindo na busca por entender e se definir para si mesmo. Essa luta contra as inseguranças, as dúvidas, o medo, e a busca de sentido acima de tudo, atuando como uma força motriz, é que faz do sujeito ele mesmo.

Todos esses fatores constroem a visão que Vicente tem de si, e portanto, do conhecimento que ele também vai construindo nos espaços onde habita. O sujeito também é uma projeção de sua nação e de seu contexto local, assim como ele próprio deposita expectativas e projeções no país, e as projeções de si, ao se ver no espelho do outro em que nasce e habita. A construção da identidade coletiva nacional é algo que faz parte das vivências ao redor do mundo, e que todos partilham de uma forma ou de outra. É com a convivência que se constrói e se conhece as subjetividades inerentes a cada pessoa. Aprender inglês, nesse sentido, é um exercício de saber interagir com o outro, conhecendo sua subjetividade, respeitando sua diferença e combatendo formas impositivas e excludentes de entender as diferenças culturais.

Para algumas teorias em LA, a interculturalidade pode ser declarada como o conceito mais bem elaborado até o momento, para poder pensar a relação entre povos. O sujeito A interculturalidade, como explicou Byram (1997), é uma forma muito apropriada de poder se comunicar com outros povos quando se faz necessário, e da maneira mais adequada o possível, por isso mesmo que esse conceito pode ser caracterizado como um meio bastante efetivo de se obter sucesso com a comunicação. Ao mesmo tempo deve saber reconhecer esse mesmo valor na cultura do outro, sem promover desigualdade ou a ideia de hierarquização de língua ou de valor cultural. Isso, todavia, não é consenso, uma vez que no mundo, essa visão pacífica nem sempre ocorre. E Vicente também reflete sobre essa questão.

Excerto 14

(...)Fazer essa reflexão de que há uma construção social de hierarquia entre os povos e nações, e que isso não é benéfico para o bem-viver coletivo. (...)Me colocando então em uma posição nem de superioridade e nem de inferioridade em relação às outras culturas. Descaracterizando minhas conversas e meus pensamentos das ideias etnocêntricas que perpassam nossas vidas e acabam por nos envolver.

Quebrar com essa construção histórica (também chamada de colonialidade do poder⁵ por Aníbal Quijano) não é fácil, mas Vicente reflete sobre isso, tenta chegar a algumas conclusões sobre o assunto. Isso é um passo e tanto para poder entender o mundo que o cerca,

⁵ Pelas teorizações de Quijano, constata-se que os efeitos colaterais da colonização fazem parte de um processo histórico de exploração e dominação que perdura até os dias de hoje. Esses grupos coloniais dominantes estabelecem o regime de poder que atendessem aos seus interesses particulares, e assim o impõem para o restante do mundo.

e agir diante dele e estando ativamente nele. Ele se vê como uma pessoa que pensa em algo maior que sua própria vida, e que quer cooperar com o bem-estar coletivo. Essa noção de coletividade, demonstra que o sujeito apesar de sua individualidade não vive se não for em sociedade. Não avança nem progride, não dá conta de suprir com todas as suas necessidades por conta própria. Nem pode aprender sem estímulos vindos da sociedade. Com bem-estar e redução de desigualdades, é possível numa sociedade mais justa avançar ainda mais para atender aos anseios de desenvolvimento dos seres humanos, e equilibrar isso com o bem-viver, respeitando os recursos naturais.

Vicente percebe que, como brasileiro, ele não está acima nem abaixo de ninguém. Muitas vezes, a noção transmitida nas escolas de que o Norte⁶global está acima de todos, é também uma visão de que há uma superioridade em relação ao Sul global. As outras culturas são diferentes, com erros e acertos, como a própria cultura brasileira. Há defeitos a ser corrigidos, e há qualidade a ser potencializadas. Romper com as ideias etnocêntricas é essencial para a construção e atuação diante da perspectiva de interculturalidade (Byram, 1997; Lima, 2009). Essas ideias, como citadas nos excertos, influenciam a visão de si próprio e do mundo que o sujeito adquire, e estão envolvidas com todo o restante de sua vivência. Por isso, a todo instante é pertinente ressignificar as ideias e nas narrativas de Vicente o curso de Letras parece emergir como esse meio social propício.

Enquanto latino, o povo brasileiro é dotado de possibilidades. O povo brasileiro não é inferior a nenhum outro. E passa longe em superioridade. O povo brasileiro é único, tão subjetivo como os demais. O povo brasileiro é distinto, porém tão variado e rico como qualquer outro. Os povos se convergem, e não há o porquê de divergir tanto. A tolerância, o respeito, e a convivência harmônica entre as nações são ideias que devem ser universais. Escolher aceitar as diferenças é importante, tendo em vista que é praticamente impossível evitá-las. E quanto mais se abre o peito para tais distinções, mais se aprende e se adquire a possibilidade de expansão interior. Descaracterizar as conversas, deste modo, pode ser entendido como se despir dos preconceitos e alienações, optando por diálogos mais justos e inclusivos. E aprender inglês, a partir dessa visão de mundo, visa subverter uma lógica tradicional colonizadora, pois reconhece na língua seu status de língua de contato entre diferentes culturas (ILF), mas sem os laços ou o protagonismo das culturas que têm o inglês como língua materna (os chamados falantes nativos).

⁶ Para além de pólos geográficos, norte e sul fazem parte de um conceito binário, ou seja, que divide o mundo em dois. O Norte sendo retratado socioculturalmente, e até cartograficamente, como estando acima, ou seja, em posição de superioridade sobre o Sul global.

A palavra tem um poder de transformação imenso no mundo, seja em que língua for. Aprender mais palavras e vocabulários em outros idiomas é, portanto, um meio de transformar o próprio sujeito, de questionar e pensar nas possibilidades do mundo com outras culturas. É um espaço de aperfeiçoamento, de disposição a se abrir com o novo, apesar das peculiaridades. Não se trata de ser ou sentir como mais ou menos, pior ou melhor. E sim de que, de fato, as interações interculturais, nas suas intenções de descaracterizar as hierarquias de poder, agregam e muito ao futuro. Vicente prossegue em suas reflexões:

Excerto 15

O meu papel enquanto brasileiro que fala a língua inglesa, é por meio de minha comunicação e ação transmitir uma imagem mais leve do Brasil. Sem mascarar os infortúnios da realidade, mas entendendo que o país sofreu muito devido a colonização exploração e sabotagem estrangeira.

Ao frisar outra vez tal mácula, novamente Vicente denota que o Brasil vem sofrendo devido a forças externas que o sabotaram e sucatearam (Quijano, 2000; Mignolo 2007; Souza, 2019). Isso ocorre desde os tempos mais remotos, nos anos de colonização, exploração, extorsão dos recursos naturais, e escravidão de povos indígenas e africanos em solo brasileiro. Essa história não pode ser negada, e o que dá para fazer é pensar em como pode ser possível se desvencilhar do passado e aprimorar ainda mais tudo o que há de positivo no Brasil. Sanar as mazelas, e corrigir as falhas, é um caminho longo e cheio de percalços. Não há o porquê de mascarar a realidade, com seus sórdidos infortúnios, e muito menos tirar a culpa dos próprios brasileiros.

Quando os mais privilegiados ignoram ou tentam apagar a cultura popular nacional, os saberes, os costumes, o modo de vida, de se vestir e se portar, dentre outras coisas, isso acaba por colaborar com o enfraquecimento do país e com a opressão das populações mais desamparadas. O Brasil tem sua parcela de culpa pelo seu fracasso, devido ao seu apego à opressão, e seu saudosismo para com o passado. Mas pensar criticamente esse cenário é também um primeiro caminho para a possibilidade de pensar mudanças. Vicente demonstra um posicionamento questionador sobre fazer isso ao se comunicar em inglês com outras pessoas. Observe o excerto a seguir.

Excerto 16

Temos um enorme potencial, numa cultura que é influenciada não tão somente pelas raízes portuguesas, sobretudo pela herança indígena e africana. Ainda assim, um país que conseguiu estabelecer seu próprio nicho de cultura e costumes bem únicos.

Ao reconhecer que as heranças culturais brasileiras não provêm somente da Europa, em especial de Portugal, Vicente demonstra dialoga com saberes científicos que conheceu na universidade, como é o caso das teorias da decolonialidade, em que alunos começam a construir uma nova consciência sobre sua história (passado) para pensar as implicações do mundo contemporâneo (presente). É preciso sensibilidade para poder entender as circunstâncias que envolvem as sociedades humanas. E com esse estudo aprofundado, nota-se que, como cita Maria Bethânia (1995) em sua interpretação da música Pantanal, as pessoas passam literalmente a “redescobrir as Américas quinhentos anos depois”. Isso implica encarar de frente a necessidade de questionar, abdicando dos preconceitos para entender como as noções de língua, se ser humano, de ensino e aprendizagem pode ser catalisador de mudança ou mantenedores do status quo de injustiça.

A cultura do Brasil é tão singular como o próprio país. E ao mesmo tempo, dentro dessa homogeneidade que se constitui num todo por cultura brasileira, é possível encontrar tamanha pluralidade que suplanta a nação. Trata-se de uma cultura surgida de uma mistura, e muito singela em sua amplitude de manifestações existenciais, modificações e adequações constantes. É inquietante a abrangência notória incutida na cultura brasileira. O mesmo ocorre em países com herança colonial, com disputas internas tensionadas em países ditos de primeiro mundo. Igualmente nos demais países desprivilegiados no sistema global, onde a luta de classes e povos, de ideologias, e a ambição exasperada pelo poder prejudicam a convivência harmônica. Essa noção liberal de multiculturalismo⁷ passa a ficar vaga, e a medida em que os países seguem persistindo neste paradoxo obsoleto, pouco se nota de efetivo para a emancipação dos povos. Nesse cenário, aprender inglês é um ato que envolvem dimensões políticas, que Vicente comenta no próximo excerto.

Excerto 17

Para mim a língua franca tem que assumir um papel fundamental de trabalhar a equidade entre as diferentes culturas e diversidades étnicas. Tanto entre as pessoas que têm o inglês como primeira língua, e que enfrentam disparidades sociais muito grandes, como com as pessoas que possuem o inglês como segunda língua ou língua estrangeira. Focar em uma comunicação atenta às variações e ao respeito das diversidades é muito importante.

Para ele, o papel fundamental que a língua franca deve assumir é o de trabalhar a equidade entre os povos, servindo como uma ferramenta promissora e eficaz para a comunicação saudável e pacífica, que contribua para o desenvolvimento pessoal e coletivo dos

⁷ Noção de que há divisões hierárquicas entre as pessoas, a depende de sua etnia, o que também está relacionado com sua língua materna e cultura. Essa ideia tenta explicar as interações sociais multiétnicas de forma rasa e liberal, e por isso, apresenta ineficiências.

que se envolvem em utilizar a língua inglesa, de modo franco, para poder se entender, emitindo e recebendo mensagens. A língua franca é um conceito que poderia facilmente ser aplicado a qualquer língua que estivesse vigente como meio de comunicação popular por toda parte (Jenkins, 2007; Seidlhofer, 2011). Mas esse status se dá a partir de uma evolução histórica com bases geopolíticas. Neste caso, apesar de estimativas para idiomas como o chinês serem muito promissoras, o inglês ainda é a língua que faz mediações entre nações diferentes. E ela se torna a possibilidade de interação linguística entre falantes de idiomas diferentes. A língua inglesa passou a ser um artifício aderido aos demais países. Fomenta o turismo, fortalece o comércio internacional e nacional, promove incentivos e aproxima mais as pessoas. Com essa identidade híbrida, grupos diferentes se encontram e se entendem utilizando o idioma. E não necessitam necessariamente citar as culturas dos países ingleses, o que constata a desvinculação da língua inglesa com a sua cultura original em certos pontos.

Em outro momento da narrativa, Vicente aborda seu próprio entendimento do ILF, o que nos possibilita entender como ele articula, em seu ponto de vista, o que entende de um conceito teórico introduzido nas aulas do curso de Letras.

Excerto 18

Eu entendo o inglês como uma língua que me serve de recurso para que eu tenha mais voz a nível global, e que não fique restrito a poder conversar tão somente com pessoas de mesma identidade nacional que eu, que falam o português. Estou aprendendo a ver o inglês de modo mais objetivo, deixando um pouco de lado as questões emocionais que envolvem nossos sentimentos com relação a nossa identidade perante o sistema mundial.

Com a LI, a voz de Vicente se expande. Ele resgata o entendimento de mediação que uma língua franca proporciona enquanto língua de contato, uma vez que ela aumenta o repertório comunicativo para interagir com outras pessoas que não falam português. As oportunidades de fazer negócios, expandir as relações pessoais, e aprofundar os saberes se intensificam com o aprendizado e ensino de língua inglesa. Sendo uma das línguas mais faladas do mundo e a mais reconhecida a nível de renome internacional até o momento, o número de pessoas com quem é possível estabelecer um contato se multiplica em demasia. De acordo com Grosjean (2008), a língua inglesa não é uma língua exclusiva de um único povo, e com a possibilidade de se estabelecer uma comunicação efetiva entre múltiplas nações, a utilizando como língua franca, acaba propiciando muito as relações, e com isso potencializando as possibilidades. Quando o brasileiro nascido e criado em solo nacional, se comunica somente no português que é sua língua materna, automaticamente sua noção e interação com o mundo se torna mais restrita. Isso é o que Vicente explica, ao compreender o inglês como essa ferramenta

de amplificação das comunicações. E ao ponderar a objetividade, é interessante atentar o entendimento dele para a realidade e relevância da língua inglesa. De maneira geral, ele demonstra uma perspectiva alinhada ao conceito de ILF e detalha essa questão no próximo excerto.

Excerto 19

Ter essa oportunidade de praticar o inglês não somente com pessoas de países cuja hegemonia é forte, como no caso dos Estados Unidos e Inglaterra, ajuda a ter uma visão ainda mais abrangente da pluralidade de um mesmo idioma. (...) Pois essa ideia de falar certo, se espelhando no inglês dos países desenvolvidos do Norte como referência padrão, é um precursor de exclusão e preconceitos.

Os Estados Unidos e Inglaterra, geralmente são os mais sonhados para se conhecer ou ir morar, quando o assunto é viajar para o exterior, o que justifica, mesmo em parte, razões para uma referência de como falar inglês. Essa forte hegemonia faz com que o reconhecimento da língua inglesa falada nessas duas nações seja mais apreciado e desejável que os demais tipos de inglês espalhados pelo globo. Ao poder estar em contato com pessoas nativas da língua inglesa, e que não vieram desses países influentes por exercer seu poder social e econômico sobre o mundo, Vicente enxerga essa possibilidade como algo positivo que expande ainda mais os horizontes com relação ao idioma. O ensino e aprendizagem não estão em torno das noções culturais de tais países, que as exportam constantemente. Uma coisa que foi ressaltada, é a ideia que fica incutida na mentalidade dos povos que adotam o inglês como segunda língua de que é preciso falar certo. Essa lógica domina o povo brasileiro em especial, e divide as pessoas em que sabe falar bem o inglês e que fala mal, em quem sabe o que é certo e quem sabe o que é errado.

Em uma perspectiva de língua franca, o ponto central é a compreensão mútua. A língua é viva e se modifica o tempo todo, ou seja, é fluida por natureza social. Enquanto as pessoas fizerem uso da língua inglesa em todos os lugares do mundo (para além das populações ditas nativas), esta língua seguirá sendo modificada, ressignificada, variada e aberta a diversificação. Tudo isso faz parte da riqueza de um idioma que pode ser escutado oficialmente, ou indiretamente, em todos os continentes sem exceção. A seguir, o participante reflete ainda sobre os impactos dessas visões na formação pedagógica do curso de Letras.

Excerto 20

Ao ensinar inglês para as crianças, por exemplo, não dá para falar tudo em inglês. Quem dirá tratar de modo acadêmico questões complexas envolvendo a língua no quesito ensino e aprendizado. Tento motivar os alunos trazendo uma visão clara, realista, letrada, e simplificada para a linguagem e entendimento de suas idades.

Relatando suas próprias experiências enquanto professor de inglês para crianças, Vicente frisa os impasses que não cooperam para um ensino de língua inglesa naquele contexto

e a necessidade de adequação àquela realidade local. Ele cita como exemplo que não é possível falar tudo em inglês na sala de aula, sugerindo que possivelmente ele utiliza a língua materna dos estudantes em determinados momentos. Essa impossibilidade de se expressar completamente na língua estrangeira pode partir de vários pressupostos, desde uma influência do ensino comunicativo ou de uma pedagogia do pós-métodos, por exemplo, já que ambas são abordagens que não proíbem a presença da língua materna dos falantes no processo de aprendizagem. Neste excerto podemos observar como ele consegue articular questões formativas do curso para o contexto onde atua, educação infantil. Ainda assim, Vicente tenta operar com a realidade vigente, indo além, tentando simplificar o conhecimento da língua inglesa. Essa simplificação não tem relação com o empobrecimento, ou mastigação do saber, uma ideia de tábula rasa. Pelo contrário, é utilizando das memórias e vivências pessoais e nacionais, para então poder associar, analisar comparativamente, e aprender a usar a língua inglesa na vida, algo apontado também por outras pesquisas como um ponto de referência ao trabalho do professor (Lima, 2017; Lima; Mapa, 2022; Lima; Mendes, 2023, 2024).

De maneira geral, a seção buscou analisar como Vicente articula seus saberes cotidianos em relação aos científicos introduzidos possivelmente pelas aulas e pelos estudos no curso de Letras. O primeiro aspecto mais evidenciado é o fortalecimento de sua identidade latina em face dos estudos de decolonialidade. A este respeito o estudo observou que aprender uma segunda língua é muito importante para expandir os horizontes, para ampliar as ideias e possibilidades, e para poder ser capaz de entender mais sobre outra cultura, estabelecendo relações com vários povos. O segundo aspecto diz respeito ao conceito de Inglês como Língua Franca. Para Vicente, o ILF no seu cotidiano significa uma porta de entrada para o conhecimento, e uma possibilidade de crescimento em várias áreas da vida, um recurso que ajuda a superar os percalços, passando a estar atrelado intimamente à memória e afetividade. Dessa forma, como afirmamos anteriormente, vemos que, apesar dos desafios apontados na seção anterior (4.1), o impacto do curso de Letras se revela na maneira como Vicente passa a olhar para si enquanto aprendiz e para o ensino de inglês.

4. REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral um estudo sobre a *perezhivanie* (vivência) de um professor de inglês em formação ao viver no contexto de cidade turística e interagir em inglês como falantes estrangeiros no dia a dia. Assim, buscamos compreender como os conhecimentos

cotidianos de interação pela língua franca interagem com os saberes científicos da universidade e se articulam nas ruas reflexões narrativas.

O primeiro objetivo da pesquisa foi o de *analisar como as experiências de interação com falantes de inglês em uma cidade turística podem impactar na construção de saberes do profissional de Letras*. Ao longo da narrativa foi possível observar que Vicente se considera uma pessoa aplicada, que está buscando sempre melhorar, e que se dedica continuamente ao ensino e aprendizagem de língua inglesa, como também de outras línguas estrangeiras. Há momentos em que se sente indisposto, outros em que aprecia muito falar em inglês. De todo modo, a língua parece estar minuciosamente presente em seu cotidiano, e não tão somente nos momentos em sala de aula. A cada vez mais o inglês vai se espalhando por todas as áreas da vida. No curso ele tem aprendido muitas lições, que vão para além do conteudismo ensinado na literatura e na linguística. Diz respeito a uma visão crítica de si mesmo, enquanto sujeito ativo operando no mundo, e da sociedade globalizada que o cerca. Nesse curso, ele tem aprendido a fazer uma leitura de mundo, e dos sistemas que o constituem nas civilizações humanas, que tentam se aproximar da exatidão. Uma visão epistêmica que trata de retratar a realidade da forma mais precisa o possível.

E o segundo objetivo da pesquisa era o de *compreender as possibilidades de articulação entre conhecimentos cotidianos e os científicos construídos em sala de aula ao longo do curso de Letras*. Ao longo da narrativa foi possível observar que o sentido construído de si parece estar envolto em uma série de complexidades, uma definição do que vai se ramificando cada vez mais. Ademais, a visão de si enquanto pessoa latina, e mineira ao mesmo tempo, denota as ambiguidades e pluralidades que coabitam num mesmo indivíduo. Sendo assim, o ILF é demonstrando sob uma visão muito interessante, de uma língua mediadora, que tanto é agente modificador do sujeito, como um recurso passível de modificação por aqueles que se apropriam do idioma, trazendo assim uma repercussão muito para quem passa a estudar, e a se dedicar em aprender inglês. E para aqueles, sobretudo, que em seu empenho de compreender os mecanismos que envolvem a língua inglesa, conseguem ir adquirindo uma visão crítica de que a língua deve ser levada em conta sob um aspecto mais objetivo, no sentido de poder subverter a língua e o seu uso se tornar mais amistoso, aprimorando os princípios da interculturalidade.

Dessa forma, podemos concluir este trabalho na esperança de contribuir para a área de Linguística Aplicada e formação de professores, mais especificamente sobre a temática de pensar o inglês como um artefato que propicia a comunicação entre variados povos. Nota-se que a interculturalidade é um fator presente em todo o mundo. Mais do que o simples convívio

mútuo, e para além das ideias multiculturais hierarquias construídas no ocidente. A interculturalidade, como bem elucida Seidlhofer (2011), é uma oportunidade para o crescimento com as competências da língua. Os falantes conseguem manter um diálogo efetivo com pessoas de outras nações, ao mesmo tempo em que a apropriação individual que cada um faz do idioma cria uma infinidade de diversidade linguística, dentre elas, as variações dialetais e tonais.

Assim, o ensino de língua inglesa tem potencial de convergir com a pedagogia que se propõe a se capacitar a ponto gerar mudança significativa no sistema educacional, e na sociedade como um todo. Kohn (2019), descreve a autenticidade inculcada na forma como se lida com o inglês em sala de aula, durante os processos de ensino e aprendizagem, e que esse olhar atento às variações linguísticas coopera para uma transformação social positiva, na medida em que pontua o ILF como um possível caminho para se pensar as relações globais. O trabalho contribui para construir um aprendizado de língua inglesa efetivo, rompendo com as hierarquias globais estigmatizantes, pautadas na visão de falar certo ou errado, e assim contribuir com os estudos da língua ao redor do mundo.

5. REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BIALYSTOK, Ellen. *Bilingualism in Development: Language, Literacy, and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BLOMMAERT, Jan. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYRAM, Michael. *Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.
- CANAGARAJAH, Suresh. *Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*. Londres: Routledge, 2013.
- DÖRNYEI, Zoltán. Motivation and second language acquisition: a review of research. *Applied Linguistics*, v. 26, p. 1-19, 2005.
- GROSJEAN, François. *Studying Bilinguals*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- JENKINS, Jennifer. *World Englishes: A Resource Book for Students*. Londres: Routledge, 2007.
- J.; ILKOS, M. (org.). *ELF in Higher Education: Challenges and Prospects*.

KOHN, L. A pedagogia do inglês como língua franca: uma abordagem teórica e pedagógica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 19, n. 2, p. 123-142, 2019.

KOHN, Kurt. A Pedagogy of Strategic ELF Communication: Raising Awareness of Communicative Practices in the English Classroom. In: TSANTILA, N.; MANDALIOS,

LIMA, F. S. Trajetórias em espiral: a formação histórico-cultural de professores de Inglês. 318 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, São José do Rio Preto, 2017.

LIMA, F. S. Nas minhas aulas de inglês todas as culturas serão bem-vindas! Inglês como Língua Franca e outros desafios para uma professora em formação. In: SCHÜTZ, J.A.; AMARAL, M.A.F.; PRAIS, J.L.S. (Org.). *Saberes Interdisciplinares: Políticas e Práticas Educativas*. 1ed.Santo Ângelo: Editora Metrics, 2021, p. 137-152.

LIMA, F. S.; MAPA, T.V.P. O caminho até o curso de Letras: perezhivanie, narrativas e meio social. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, vol. 21, n.2, p. 1-12, 2022.

LIMA, F. S.; MAPA, T.V.P. O presencial, o remoto e o caos: Perezhivanie de uma estudante de Letras. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, vol. 28, n.2, p. 84-104, 2023.

LIMA, F. S.; MENDES, G.T. Sobre quando decidi fazer Letras: perezhivanie e trajetórias narrativas. *The ESpecialist*, vol. 45, n.3, p. 183-207, 2024.

LIMA, J.H.G. A globalização da língua inglesa e seu impacto na comunicação internacional. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 32, n. 3, p. 54-71, 2023.

LIMA, J.H.G.; KUERTEN, D. L. O inglês como língua franca e suas implicações no ensino de línguas estrangeiras. *Revista Brasileira de Educação e Linguagem*, v. 41, n. 2, p. 34-49, 2023.

LIMA, L. A. A exigência de perfeição no aprendizado de inglês e seus impactos no ensino de línguas. *Revista de Linguística Aplicada*, v. 32, n. 1, p. 123-145, 2021.

LIMA, R. A integração do inglês como língua franca no ensino: um estudo de caso. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 34, n. 2, p. 188-204, 2023.

LIMA, R.; KUERTEN DELLAGNELO, G. O impacto do inglês como língua franca na educação e na formação de professores. *Educação e Cultura*, v. 36, p. 67-82, 2023.

MIGNOLO, Walter D. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke University Press, 2007.

MOREIRA, A.; RIBEIRO, F. A língua inglesa nas transações econômicas e sua relação com a globalização. *Revista de Ciências Sociais e Linguísticas*, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2022.

MOREIRA, P.; RIBEIRO, M. O inglês como língua franca na BNCC: desafios e

O'REGAN, T. Críticas ao conceito de Inglês como Língua Franca: uma análise crítica. *Journal of Applied Linguistics*, v. 35, n. 1, p. 1-15, 2014

O'REGAN, J. The critique of the concept of English as a lingua franca. *Applied Linguistics Review*, v. 5, p. 45-62, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Eurocentrismo na América Latina. In: GROSFOGUEL, Ramón (Org.). *Estudos Decoloniais: Epistemologias do Sul*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 17–30.

RIBEIRO, D. Reflexões sobre o ensino do Inglês como Língua Franca e suas implicações. *Revista de Linguística Aplicada*, v. 29, n. 2, p. 23-39, 2021.

ROEDIGER, H. L.; BUTLER, A. C. The power of retrieval practice in learning and memory. *Psychological Science*, v. 22, n. 3, p. 202-211, 2011.

SEIDLHOFER, B. English as a Lingua Franca: an overview. *Linguistic Studies*, v. 37, p. 1-23, 2011.

SEIDLHOFER, Barbara. *Understanding English as a Lingua Franca*. Oxford: Oxford University Press, 2011

SMITH, Daniel Jordan. The Hausa in Nigeria and the Impact of Colonial Rule. *Journal of African History*, v. 46, n. 1, p. 43–60, 2005.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. São Paulo: Cortez, 2019

WEBSTER, L.; MERTOVA, P. *Using Narrative Inquiry as a Research Method: na introduction to using critical event narrative analysis in research on learning and teaching*. London/New York: Routledge, 2007.

VIGOTSKY, L. *A formação do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. *Pedagogia do desenvolvimento e as vivências no aprendizado*. *Revista de Psicologia e Educação*, v. 16, n. 4, p. 89-102, 2018.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1934].

VYGOTSKY, Lev S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

VIGOTSKI, L.S. *Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Tradução de Zoia Prestes, Elizabeth Tunes e Cláudia da Costa Guimarães Santana. – 1ª edição, Rio de Janeiro: EPapers, 2018 [2001].